

# política



**Repórter Brasília**  
**Edgar Lisboa**

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

## Abstenções nas eleições

O senador gaúcho Hamilton Mourão (Republicanos) fez, para a coluna **Repórter Brasília**, uma avaliação sobre as eleições municipais. Ele afirmou: “já faz algum tempo que nós temos contado, nas últimas eleições, o grande número de abstenções. A média no Brasil foi de 20%, destoou da média de Porto Alegre, que foi de 30%”.



ROMÁRIO CUNHA/INUIÇÃO/JC

## Ausência do eleitor

Para o senador do Rio Grande do Sul, vários fatores podem ter resultado nessa ausência do eleitor nas urnas no primeiro turno das eleições de outubro. “Não sabemos se isso está ligado ao problema das enchentes, que muita gente saiu da cidade, o preço das passagens, ou muita gente se desiluiu com o poder público”, comentou Mourão.

## Cisma da imprensa

Na visão do senador do Republicanos, “de uma maneira geral, a direita venceu; não é questão do centro, a grande imprensa tem tentado sempre colocar que é o centro, porque parece que ela tem a cisma em reconhecer o avanço da direita no Brasil”.

## Mais prefeitos e vereadores

Para Hamilton Mourão, “ficou muito retratado que nessas eleições os partidos de centro, centro-direita e direita conquistaram uma quantidade de prefeitos e vereadores muito maior do que a esquerda”.

## PT caiu no Rio Grande do Sul

“A esquerda vem encolhendo de uma maneira geral”, apontou Mourão. “O PT aumentou no País, mas no Rio Grande do Sul, caiu, e caiu bem.”

## PSDB tem que se reinventar

No entendimento de Hamilton Mourão, “o PSDB é um partido que vai ter que se reinventar, porque desde os episódios de 2022, com o João Doria, aquela disputa de quem seria o candidato a presidente, o partido ali se quebrou ao meio, e muita gente foi embora”.

## Polarização em São Paulo

Questionado sobre a polarização entre direita e esquerda no segundo turno, Hamilton Mourão considera que “isso está muito centrado na eleição de São Paulo, onde o candidato da esquerda é um personagem polêmico, que não tem nenhuma experiência administrativa, vem de um movimento de reivindicação, como o Movimento dos Sem-Teto”.

## Candidatos ao Planalto

Perguntado se via algum nome se preparando para subir a rampa do Palácio do Planalto em 2026, ele ponderou: “Eu vejo que tem gente com ambições, teve alguma preparação, como os governadores Ronaldo Caiado (União Brasil), Romeu Zema (Novo), Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Ratinho Júnior (PSD). Estamos falando do nosso lado, porque do outro lado a gente sabe que é Lula, primeiro e único, e não vai variar, não tem outro nome”.

## Sem descartar Jair Bolsonaro

“Temos que ultrapassar o ano de 2025 para entrar em 2026 e ver qual é a composição, sempre sem descartar a pessoa do presidente Jair Bolsonaro (PL)”. E o senador gaúcho concluiu: “porque tudo pode, nada pode. Depende, se hoje ele está inelelgível, amanhã pode não estar”. Hamilton Mourão afirmou que não é candidato.

# Rosário aposta no voto

## ELEIÇÕES 2024

**Bolívar Cavalari**

politica@jornaldocomercio.com.br

A candidata do PT à prefeitura de Porto Alegre, Maria do Rosário obteve 26,28% dos votos válidos no primeiro turno, contra 49,72% de seu adversário, o atual prefeito Sebastião Melo (MDB). Para reverter este cenário, a petista tentará convencer os eleitores que desejam mudanças na cidade para que votem em sua candidatura. Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Rosário aponta as principais estratégias que adotará neste segundo momento das eleições na capital gaúcha.

O índice de mais de 31% de abstenções em Porto Alegre - o maior entre as capitais do País - e os votos computados à chapa liderada por Juliana Brizola (PDT) são algumas das apostas de Rosário para uma vitória no segundo turno. Na quinta-feira, o PDT, que teve 19,69% dos votos do dia 6 de outubro, declarou apoio à candidatura do PT. Por outro lado, o PSDB, que havia ingressado a coligação pedetista no primeiro turno, formalizou aliança com Melo.

Rosário aborda nesta entrevista os desafios que enfrenta para alcançar uma eventual virada nestas eleições. A petista trata de temas como o seu índice de rejeição - o maior entre os candidatos do primeiro turno, de acordo com pesquisas eleitorais - e como convencer a população de apoiar a sua candidatura. O PT retorna ao segundo turno em Porto Alegre como líder de uma chapa após hiato de 16 anos sem alcançar este resultado. A última vez que o partido esteve nessa posição foi em 2008, quando a própria Rosário enfrentou e foi derrotada por José Fogaça (MDB).

**Jornal do Comércio - Qual o balanço da campanha no primeiro turno?**

**Maria do Rosário** - Foi muito propositiva, uma campanha que, inclusive, teve seu início na construção do programa, e a aliança que se formou inédita do campo popular da esquerda e do centro foi com base programática. É inédito termos reunido sete partidos, e o processo que nos trouxe a formar essa aliança foi estruturado a partir de ideias do que é melhor para a cidade em termos de políticas públicas, desenvolvimento, e agregando essas ideias com reuniões nas comunidades e nos se-

tores com servidores públicos, com empreendedores, com usuários do SUS, do transporte coletivo, com o pessoal da área da educação. Então, isso foi de uma riqueza muito grande. No primeiro turno, o resultado que tivemos, trazendo essa eleição para o segundo turno, tem a ver também com uma vontade de mudança que se despertou nas pessoas. Essa vontade de mudança está expressa na votação que tivemos na nossa chapa com PT e PSOL, com PSB, PCdoB, Rede, PV e Avante, e também nos votos que foram depositados em Juliana Brizola (PDT) e Dr. Thiago (União Brasil). E há um terceiro bloco de votantes que não compareceram às urnas, que é muito significativo, mas que podem comparecer nesse segundo turno.

**JC - Na questão das enchentes, amplamente debatida no primeiro turno, o que entende que é responsabilidade específica da gestão municipal e o que é atribuição das outras esferas?**

**Rosário** - É um absurdo o prefeito tentar transferir para outra esfera o cuidado com bueiros e bocas de lobo. Então, atribuição da prefeitura, sem sombra de dúvida, era estar em alerta diante dos sinais que vieram. Choveu em setembro de 2023, e todo mundo viu o que aconteceu naquele momento. Técnicos, climatologistas e hidrólogos, de um modo geral, apresentaram que em janeiro e fevereiro teríamos chuva. Durante todo esse tempo, as casas de bomba, as comportas, o assoreamento de bueiros, as bocas de lobo, nada disso foi resolvido. E aí veio maio, e não tinha sido feita a manutenção. A manutenção do sistema é responsabilidade direta do prefeito. Ele deveria ter mantido o sistema, tanto é que deveria, que existe um documento do Dmae (Departamento Municipal de Água e Esgotos), que foi divulgado pelo deputado Mateus Gomes (PSOL) na época mais dura da enchente, mostrando que técnicos alertaram a gestão e o prefeito de que as casas de bomba não estavam funcionando. Os técnicos não foram ouvidos. Paralelo a isso de não fazer a manutenção, havia R\$ 430 milhões em caixa. Então, avalio que o prefeito e sua equipe não prepararam a cidade porque não acreditaram no tamanho do desastre que veio a acontecer. Não tomaram as medidas preventivas, que são obviamente de sua responsabilidade.

**JC - Melo esteve muito próximo de uma vitória no primeiro turno. A que atribui?**

**Rosário** - É uma votação equilibrada se considerarmos as duas candidatas que tinham uma proposta de mudança - a nossa candidatura e a candidatura de Juliana. A beleza da política democrática é que ela não é igual e somente a matemática. O que acontece em Porto Alegre é que há um equilíbrio e uma polarização entre quem quer mudar e quem quer a continuidade. O fato é que, com toda a máquina estruturada e em campo, e sem ter tido a transparência devida de tantas circunstâncias duvidosas do seu governo ao longo de quase quatro anos, a população decidiu ter o segundo turno. E agora é uma nova eleição, nós podemos vencer e vamos trabalhar para isso.

**JC - Porto Alegre teve o maior índice de abstenção entre as capitais brasileiras. Como pretende convencer o eleitor a votar em sua candidatura?**

**Rosário** - Reforçando o caráter de mudança segura e programática e a experiência que tenho para governar Porto Alegre. O preparo que tive ao longo da minha vida pública, o caráter realizador que eu quero imprimir e de que a eficiência na gestão pública é garantir à população qua-



“Em Porto Alegre, há uma polarização entre quem quer mudar e quem quer a continuidade”